Sôbre as pedras gloriosas da Tôrre de Belem a «Mocidade» iça as suas bandeiras e com elas sobe, mais alto ainda, o seu ideal!

SUMÁRIO

N.º 31 • NOVEMBRO • 1941

BOLETIM MENSAL • ASSINATURA AO ANO 12$00 • PREÇO AVULSO 1$00

OBRA DAS MÃIS PELA EDUCAÇÃO NACIONAL

MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina. Redacção e Administração: Comissariado da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8 — Telefone 46134 — Editora, Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura Limitada, Travessa da Oliveira, à Estrêla, 4 a 10 — LISBOA

Um poeta (1) escreveu estes versos:

«Enfants! debout; la chambre est pleine de lumière.
Aux pieds de notre Dieu nous reviendrons ce soir;
Allons, dans le travail, poursuivre la prière;
Et tous, petits et grands, faisons notre devoir».

E cá estamos de novo — de novo ao trabalho. Outra vez os livros; ainda e sempre outra vez a vida: tôdas as manhãs erguer e partir para onde *aquela voz* nos chama.

Aquela voz... o dever.

É melhor escrever: o *DEVER*.

E ir até ao fim, caminhando embora por-de-cima de carvões a arder: tôdas as lutas e todos os sacrifícios — suores e dôres que custa levar e cumprir a nossa tarefa.

Começar a rezar *sim!* por aí fora, um ano inteiro: meses e meses, aulas e aulas e livros e exercícios e lições...

Encher um ano escolar de obediências ao lindo *SIM* do Dever. Cumprir.

Cumprir na alegria.

«Ó meu Deus, concedei-me que eu nunca recue diante da minha tarefa.»

Já ouvistes tôdas falar de João du *Plessis*, o heroi magnífico da outra grande guerra. Foi no seu *diário* íntimo que eu um dia li essa oração simples que vale por tudo.

Ponde-vos a dizê-la no coração cada hora. E que tôda a obra, tôda a obrigação, vos encontre a ciciá-la fervorosamente por entre os lábios.

«Senhor: que eu nunca falte onde seja preciso estar a cumprir...»

Amor do trabalho — mais do que uma simples aceitação do trabalho.

Aceitar, mas acima de tudo querer o trabalho.

Depois: ser perfeita na sua execução. Ser completa. Levar as coisas ao fim — e bem feitas.

Ter o orgulho de se ser perfeito — de dar tudo bem acabado.

Acabar com tôda a «cábula» e com tôda a «cunha».

Ter o orgulho de vingar sem muleta. Não ser cocha em nada.

Saber e passar. Passar e saber.

Rezar: *«Ó meu Deus — ensinai-me a suar com alegria, a vencer sem favor...»*

E deixai as outras (se as houver) serem... *felizes* na preguiça e na cabulice e a estarem perpètuamente em regime de hospital, continuadamente a gritarem S. O. S. para fazerem tal exame ou chegarem a tal pôsto ou emprêgo.

Deixai-as apodrecer para aí. Finalmente, um dia, a M. P. F. há-de criar asilos para tôdas essas aleijadas da vida, às vezes, coitadas! por obra e graça dos paisinhos e dos padrinhos... .

Ora vamos a isto — e rindo. Ao trabalho, a cantar e a rir. Olhai: lá dentro de vós, antes de mais nada, a paz da consciência. A graça de Deus.

Muitas vezes a cabeça não arranca bem, nem anda lá grande coisa no trabalho, no estudo, porque... porque, dentro de nós, a alma não está bem.

Vós bem o sabeis. Vós bem o sabeis...

Ora vamos lá: alegria — muita alegria; e trabalho, muito trabalho.

E ireis assim, aos poucos, construindo o Futuro. O vosso futuro também.

Obreiras do Portugal-Maior e da Felicidade que sonhais para vós.

Sonhar um bocadinho porque tendes a idade que tendes — mas trabalhar e rezar, porque a vida é... amanhã.

G. A.

(1) Vítor de Laprade

ARRANCAR BEM

FOTOGRAFIA F. M. POZAL

Na Parede, durante o almôço

EM ALEGRE Confraternização

CARTA ABERTA ÀS FILIADAS DA M. P. F.

CONFORME vos prometi na minha última carta (1) venho contar-vos algumas festas e passeios que vieram aumentar ainda a alegria dos dias, já tão felizes, que passámos na Colónia de Férias da M. P. F. da Parede.

(1) Publicada no Boletim do Outubro.

Filiadas da Parede que serviram o almôço às companheiras de Sintra

No dia 15 de Agosto recebemos a visita das universitárias e graduadas da Colónia de Sintra.

Foi um dia cheio, em que a nossa camaradagem foi posta em evidência.

O almôço, servido no jardim por um grupo de graduadas com os seus aventais de papel azul e rosa, decorreu com a maior alegria. Cada filiada tinha, ao lado, a ementa, cujo título, se assim se pode chamar, era esta frase, bem enérgica: «Abaixo a mediocridade».

Seguia-se a lista dos pratos. Havia de tudo: *sandwiches de Ideal, de Carácter, de Fôrça de vontade; mayonnaise de compressas, sinapismos*, etc.... Como vêdes, até na brincadeira que nos propuzemos ao realizar a ementa, havia qualquer coisa a gritar bem alto aquilo que nos preocupava.

À tarde, as filiadas de Sintra, fizeram uma festa, com bailados e canções regionais, que às nossas pequenitas

O mar! Prazer sempre apreciado...

deu tôda a satisfação e prazer que distracções dêste género sempre causam aos da sua idade. Esta visita foi retribuida pela Colónia da Parede...

O nosso passeio a Sintra foi também muito agradável e sempre de acôrdo com aquela primeira parte do nosso hino «Lá vamos cantando e rindo...»

Em Sintra visitámos o palácio e, seguidamente, dirigimo-nos para a Gandarinha, onde fomos acolhidas com a maior alegria. Realizaram-se, até à hora do almôço, bailados e rodas em que as mais pequenitas eram, mais uma vez, acarinhadas pelas suas irmãs mais velhas.

Havia sempre, em todos êstes actos de camaradagem, entre as mais pequeninas e as maiores, qualquer coisa de tão comovente e, digo mesmo de tão sublime, que eu não sei descrever, porque são coisas que se sentem e se vivem, mas difíceis de exprimir.

Era o prazer que eu lia nas mais velhas, por verem a alegria das meúditas, era tudo enfim, desde a simplicidade até ao carinho com que êstes actos eram realizados.

Após o almôço, que decorreu num ambiente de pura camaradagem, uma graduada agradeceu à Directora da Colónia e às filiadas o acolhimento que lhes havia sido feito, agradecimento a que depois respondeu uma outra graduada de Sintra.

Durante a tarde, o tempo foi bem preenchido. Assistiu-se à Bênção do Santíssimo Sacramento, na capela da Gandarinha, e depois seguimos a visitar a linda quinta de Monserrate.

De regresso à Parede, fomos assistir ao magnífico pôr do sol, na Bôca do Inferno.

E, assim, findou o nosso passeio.

Finalmente realizou-se a festa de despedida, também

As filiadas de Sintra e da Parede confraternizam brincando juntas

simples, desde os bailados das pequeninas, vestidas de papel, até às canções regionais alentejanas.

E, para fechar a nossa festazinha, que teve ainda uma selecta assistência, entoou-se um hino de despedida, composto por uma filiada.

Vai já longa a minha carta mas, apesar disso, tinha mais, muito mais, para vos contar.

No entanto, não quero terminá-la sem vos dizer que tôdas nós, que estivemos na Colónia, partimos cheias de gratidão pelas Senhoras Dirigentes, que tão bem dirigiram as nossas vidas, durantes aqueles 20 dias. Foram elas que, com os seus exemplos de Carinho, Dedicação e Bondade, nos guiaram, nos deram o vigor para bem nos desempenharmos da nossa missão junto das mais pequeninas e que tudo prepararam para que os dias passados na Colónia nos deixassem as melhores recordações.

A Serra é linda, mas o mar também tem encantos

Não sei, queridas filiadas, se fiz passar, perante os vossos olhos a visão real da vida na Colónia.

Desejaria tê-lo feito e, peço a Deus, que tenha conseguido, de algum modo, fazer-vos compreender todo o Ideal da nossa vida, que procurei nesta carta levar até vós, um pouco dêste grande entusiasmo, que tôdas nós sentimos, naqueles dias.

E, para acabar a minha carta, digo-vos o mesmo que, há dias, disse na Colónia:

«E' preciso que a mulher portuguesa, a orar, a servir e a trabalhar se prepare, com dignidade, para ser a mulher de àmanhã, essa mulher que servirá Deus, a Pátria e a Família, com amor, com prontidão e com carinho.

Assim, olhos neste Ideal, livres de preconceitos ou vaidades inúteis, será absolutamente confirmada em nós a afirmação de Salazar

«...e uma mentalidade nova, fará ressurgir Portugal».

Maria Helena de Oliveira e Sousa

(CHEFE DE BANDEIRA)

Preparando o almôço para as graduadas de Sintra

COSTUREIRAS AZAFAMADAS: APROXIMA-SE O NATAL!

Trabalhemos para os pobrezinhos!

APROXIMA-SE o mês de Dezembro, no qual a M. P. F. costuma distribuir vestuário pelos pobrezinhos.

É já uma linda tradição, que não podemos deixar perder.

Eu tenho mesmo a certeza que embora as Dirigentes da M. P. F. não recordassem às suas filiadas o dever que têm de trabalhar para os pobres, estas o não esqueceriam, pois já experimentaram a alegria que existe em fazer o bem!

Haverá durante o ano um dia mais feliz do que êsse em que entregamos aos pobrezinhos as roupas que cosemos para êles?

Foi a previsão dessa alegria que fez correr a nossa agulha. Desde o momento em que pegamos na tesoura para talhar os tecidos, começamos a sentir a alegria de dar, a mais consoladora de tôdas! E agora não tarda o momento de gozarmos a felicidade de tornar outros felizes, satisfação que compensa bem todos os trabalhos.

Tu que me lês, filiada da Mocidade, se ainda não começaste a trabalhar para os pobres, avia-te!

Não gostas de pensar que o agasalho que fizeres irá aconchegar o corpinho friorento duma criança? E nem tu imaginas quantas crianças com frio! Pequeninos que andam a tremer nesta grande Lisboa onde não há lareira que os aqueça e nem sequer, em tantas casas, a «lareira dos pobres» que é o sol!

Sê generosa! Com as tuas economias compra uns novelos de lã ou uns metros de flanela. E depois, depressa, vamos trabalhar! E' um casaquinho que queres fazer? Que as agulhas do «tricot» não descansem!

E' um vestidinho que vais talhar? Alinhava, cose... não tenhas preguiça! Aproveita os momentos perdidos... Olha como o trabalho adeanta... está pronto!

Sabes quantas são as tuas companheiras na «Mocidade?» Mais de 40.000!

Imagina que cada uma oferecia uma peçazinha de roupa para os pobres — uma só peça, será pedir muito?! — e estás a vêr o montão de roupa que se juntaria e o número enorme de pobrezinhos que ficariam contentes. Mãos à obra. Vamos trabalhar! ***Tôdas!***

MARIA JOANA MENDES LEAL

Visões de férias

TANTA beleza que os nossos olhos contemplaram!

Foi talvez o mar o cenário magnífico das nossas férias. E deante dêle passámos horas a vêr as ondas nascerem e crescerem, e virem desfazer-se em espuma aos nossos pés...

Vimo-lo azul como o céu... E com o verde transparente das esmeraldas...

Vimo-lo deserto e imenso! E povoado de velas brancas...

Vimo-lo sereno, a dormir e a sonhar... E vimo-lo tão «picado» que parecia ter nevado sôbre êle, tantos eram os pontos brancos a salpicá-lo.

Ou foi talvez na serra que passámos as nossas férias.

Admirámo-la no explendor da manhã, com um halo de glória, recortando-se, ainda escura, num céu de opala.

E vimo-la, ao entardecer, tingir-se de lilás, quási imaterialisada por tanta formosura!

Vimos erguer-se sôbre ela, como uma hóstia sôbre o altar, a lua!

E vimos as nascentes brotarem do seu seio profundo.

Mas embora as nossas férias não tivessem decorrido no cenário grandioso do mar ou da montanha, em tôda a parte os nossos olhos terão gosado visões de beleza.

Querem coisa mais linda do que a luz a morrer sôbre o verde dos pinhais?

Espectáculo mais encantador do que o vôo duma ave?

E quem não traz nos olhos a visão graciosa duma cêna infantil, dum sorriso de criança que por nós passou?

Visões de férias! Momentos de contemplação divina, deante da natureza onde se reflectem as perfeições de Deus!

Momentos de encanto em que encontramos também a Deus na pureza e na graça duma criança!

Visões de férias! Guardemo-las na nossa alma, que tôda a beleza elevada e pura nos torna melhores.

M. J.

AO VENTO

EQUILIBRIO DIFICIL

BANHO FORÇADO!

FOTOGRAFIAS CASIMIRO VINAGRE

O QUE NÓS QUEREMOS QUE AS NOSSAS RAPARIGAS SEJAM

7.º BOAS *Para concluir esta série de artigos sôbre «o que nós queremos que as nossas raparigas sejam», vou dizer-vos aquilo em que tenho estado a pensar, durante todo êste tempo: queremos que vocês sejam boas raparigas.*

Não venho prègar-vos que tenham bom coração, porque não é preciso. Qual de vocês o não tem? Qual é a rapariga que se não entristece com o infortúnio dos outros e não toma parte nas suas alegrias? E então raparigas portuguesas! Eu conheço a facilidade com que os olhos se lhes enchem de lágrimas ou sorriem de contentes, conforme o caso.

As raparigas são novas e, por isso, são generosas, têm óptimos impulsos, são meigas — numa palavra: têm bom coração. Mas isso não basta; porque, para se ser realmente bom, é preciso fazer o bem e não ter só o desejo vago de o fazer.

Muita gente, julgando-se boa, é fraca. No intuito de não entristecer outra pessoa, cede, às vezes, em coisas que prejudicam essa outra pessoa. Há quem deseduque uma criança, em vez de a educar, habituando-a à idéia de que com uma perrice consegue tudo quanto quere e preparando-lhe, assim, um futuro infeliz, por fraqueza. Outros há que dão às pessoas o meio de satisfazerem os seus vícios porque têm pena da sua miséria, sem pensar que a maior miséria dessas pessoas é precisamente o serem viciosas.

E coisas semelhantes acontecem, noutros casos, que não vale a pena enumerar, mas que todos têm de comum isto: o ser-se fraco em vez de se ser bom. Ora não há nada tão diferente da bondade como a fraqueza: a bondade é forte e não transige com o que faz mal àqueles com quem se quere ser bom — e devemos querer ser bons com todos.

Também há quem, para não ser fraco, seja duro — e isso também não é bondade. Não perdoar nada, prègar sempre, criticar tudo, falar de alto, mesmo quando não se dizem senão coisas acertadas e verdadeiras, não é ser bom. As pessoas assim revoltam os outros, não os atraiem; despertam nêles o contrário de aquilo que lhes querem ensinar. O que nós devemos querer não é só dizer coisas acertadas é convencer delas os que nos ouvem. E, para isso, é preciso falar de maneira que êles aceitem as nossas palavras. Se há ocasiões — e há — em que se deve sentir a firmeza das nossas palavras, essas ocasiões são poucas. Quási sempre, convencem mais as coisas ditas de outra maneira.

Para serem, portanto, boas raparigas — e por isso eu digo que tenho estado a pensar nisto desde o princípio, é preciso que vocês sejam verdadeiras, amáveis, sãs, novas, elegantes e activas.

VERDADEIRAS *— porque o bem que querem ensinar aos outros devem começar por o praticarem vocês (ninguém dá o que não tem).*

AMÁVEIS *— para que a vossa maneira convença aquêles a quem se dirigem.*

SÃS *— para terem a energia necessária para o esfôrço que todo o bem custa.*

NOVAS *— para que a vossa acção seja viva, alegre.*

ELEGANTES *— pelo mesmo motivo porque precisam de ser amáveis: para que o vosso aspecto manifeste aos outros o que vocês são na realidade — lhes revela a vossa alma.*

ACTIVAS *— para que o bem sonhado e desejado passe do sonho e do desejo à realidade.*

* * *

E, agora, se, de facto, vos agrada a ragariga da Mocidade Portuguesa Feminina tal como a descrevi, mãos à obra, para a frente, porque a nenhuma de vocês (cada qual à sua maneira) falta os elementos indispensáveis para ser assim.

Hilda Rumsey R. d'Almeida Corrêa de Barros

"Arvorando as lusas Quinas, nossa luz, nosso fanal, nós somos as sentinelas da alma de Portugal!"

AS ROSAS DE SANTA CLARA

por BERTHA LEITE

As rosas de Santa Clara!

Nunca é de mais aspirá-las fortemente. O seu perfume envolve as almas puras até as santificar.

Por sua vez estas assombram as ignorantes, e, conduzem-nas pouco a pouco ao bom caminho.

....

Conta-se que foi no inverno, perto do Natal.

Alguns autores acrescentam que a terra estava tôda branquinha de neve.

Nesse dia de Dezembro São Francisco e Santa Clara vinham de Spello para Assis.

E, tendo entrado numa casa onde lhes haviam oferecido água e pão, mal tocaram nos alimentos por notarem os olhares malévolos dos que os cercavam.

A desconfiança e a murmuração da gente má fôram causa dos maiores sofrimentos de Santa Clara.

Saíram, pois, constrangidos e tão magoados que, durante algum tempo, guardaram silêncio.

Era ao fim da tarde e a tristeza do crepúsculo pungia mais violentamente os seus corações despedaçados pela perfídia humana.

São Francisco falou primeiro:

«*Sorella*», disse — *ouviste o que diziam de nós?*

Santa Clara não pôde responder. Sentia que se tentasse falar só teria voz para os soluços que era seu dever sufocar.

São Francisco prosseguiu então:

— *E' preciso separarmo-nos. Antes da noite poderàs alcançar o convento.*

Eu, irei sòzinho onde o Senhor me conduzir.

Santa Clara ajoelhou no meio do caminho e, logo se tornou a levantar para lhe obedecer, tentando mesmo não se voltar para trás.

De repente, faltaram-lhe as fôrças para resistir à súplica dum vislumbre de esperança, que a fizesse suportar melhor a sua pesada cruz.

— *Pai*, disse ela, *quando nos tornaremos a ver?*

São Francisco respondeu simplesmente o que a prudência lhe aconselhava: acenou à desolação da paisagem onde caíam cada vez mais espessos os flocos de neve:

— *Quando reflorirem as rosas; no verão.*

Os olhos macerados de Santa Clara arrazaram-se de lágrimas puríssimas.

Inesperadamente e de todos os lados, perfumando o ar, brancas, vermelhas, amarelas, viçosas e aveludadas, centenas de rosas surgiram dos arbustos que momentos antes se diriam queimados pelo frio.

Os Santos quedavam paralizados e extácticos perante o milagre que se cumpria. Jesus achara excessiva a penitência.

Passados os primeiros instantes de deslumbramento, Santa Clara correu a apanhar algumas rosas e a depô-las nos braços de São Francisco.

Diz a lenda — talvez procurando simbolizar a verdade sublime das afeições místicas para que não existem entraves — que desde êsse momento São Francisco e Santa Clara nunca mais se separaram.

Eternamente unidos estão apenas de facto, na vida, os que só em Deus procuram encontrar-se.

NA LUZ DE CRISTO

QUERIDAS raparigas: vamos hoje ocupar-nos dum pensamento sério, mas que não deve entristecer-nos.

A ideia da morte só é exageradamente triste quando encarada sob aspectos pouco cristãos.

Não está certo que raparigas cristãs, e até piedosas, fechem os ouvidos e fechem os olhos horrorisadas, quando ouvem falar da morte. E se encontram na rua um entêrro, ficam mal humoradas para todo o dia, numa impressão supersticiosa de mau agouro...

Quereis saber porque me lembrei de vos falar da morte, um assunto que parece mal cabido nas páginas alegres do nosso Boletim? Para dissipar os vossos terrores e destruir as vossas negras superstições.

Se a ideia da morte parece quási não fazer sentido com a vossa juventude, mais em contradição estão ainda, com essa juventude, o terror que acabrunha e as superstições que ensombram a vida.

Sois novas; ainda a vida agora principia para vós.

Mas, se sois novas, não deveis também deixar que nada perturbe a serenidade da vossa alma nem a clareza dos vossos pensamentos.

A ideia falsa que vos fazeis da morte envelhece-vos... de mêdo!...

Tetricamente impressionadas, na morte só vêdes a cova e o caixão... a separação e as lágrimas...

Sem vos lembrardes que a morte é também Deus, o céu, a liberdade e a alegria!

Vêde como andais longe das verdadeiras realidades e como estas realidades são mais consoladoras do que os vossos negros pensamentos!

Quando a morte se aproxima duma alma, julgais que a St.ª Igreja a aterrorisa com visões macabras?

Não! É numa visão celestial que a alma se desprende dêste mundo.

As palavras da Santa Igreja são tôdas de confôrto e de esperança: «Pede aos Santos que roguem pela alma que vai partir e aos Anjos que venham buscá-la... Pede ao Pai que a acolha... A Nosso Senhor Jesus Cristo que lhe faça um lugar junto d'Ele... À Virgem Maria que, cheia de bondade, volva para ela o seu olhar...»

Inclinando-se sôbre a alma que agoniza, a St.ª Igreja fala-lhe de alegria, de paz e de luz!

Embora essa alma tenha atrás de si um longo passado de pecados e de infidelidades, nem isso deverá perturbar a sua confiança: para tôdas essas faltas a St.ª Igreja implora a misericórdia infinita de Deus, suplicando-lhe que perdoe e esqueça...

«Que as portas do céu lhe sejam abertas! Que todos os bemaventurados a recebam com alegria!»

E é assim, embalada nesta doce esperança, que a alma deixa êste mundo...

Para a alma que acaba a sua vida terrena na luz de Cristo, *começa a vida eterna, numa eterna felicidade.*

Vida — paz — luz — alegria — *são estas as palavras que exprimem o sentido cristão da morte.*

Eram estas as palavras que os primeiros cristãos escolhiam para as sepulturas dos seus mortos: Vive em Deus! Descansa em paz! Que sôbre ti resplandeça a luz perpetua! Entra na alegria do Senhor!

Palavras de fé e de esperança que tiram todo o horror à morte.

Pois se a morte não é o nada, mas Deus; se a morte não é a aflição, mas a paz; se a morte não são as trevas, mas a luz; se a morte não é sofrimento, mas a alegria, porque havemos de temer a morte e amaldiçoá-la?!

Quando a morte nos levar alguém, «não nos sepultemos na tristeza como aqueles que não têm esperança». Aqueles que morrem no Senhor, vivem n'Ele.

O mês de Novembro é chamado o «mês das almas». Rezemos por elas. E quando, à beira dum caminho, encontramos umas «alminhas» a pedirem-nos a caridade duma oração, rezemos sempre por aquelas que partiram adeante de nós: Pai nosso. Ave Maria.

Coccinelle

FOTO: VIRGILIO OLIVEIRA MENGO

RESEMOS PELAS ALMINHAS. PAI NOSSO. AVE MARIA

Página das Lusitas

por MARIA PAULA DE AZEVEDO

ERA UMA VEZ...

O melrinho de Brígida

A casa dos pais de Brígida era um antigo palácio do bairro de Alfama; e tinha um belo jardim cheio de árvores velhas, que davam uma sombra deliciosa no verão e se enchiam de ninhos na primavera.

Os melros e as toutinegras cantavam tanto que era o encanto de todos que lá iam.

— Quem me dera apanhar um dos melrinhos que estão no ninho! — disse Brígida à criada, espreitando, por entre as trepadeiras, um ninho de melros.

— A menina não toque no ninho, veja lá! Porque se a melra dá por isso, coitadinha, fica numa grande aflição — respondeu a criada.

— Olha para êles, Tomásia! O biquinho já é amarelo como o dos pais!

— Tomára eu que a menina se tire daqui; é capaz de deitar a mão aos alimais...

E Brígida, meio amuada, foi-se embora.

Tôdas as tardes, quando ia brincar para o jardim, espreitava o ninho; e via vir a engraçada melra com o bico cheio de coisas que metia nos biquinhos abertos dos filhos. O melro-pai, grande como um pombo, negro de azeviche, com o bico côr de ouro, pousava longe, no alto do muro; e ao sol pôsto o seu canto era tão fresco, tão delicioso, que os pais de Brígida demoravam-se mais no terraço de azulejos para ouvirem os seus alegres assobios.

Um dia, porém, ouviu-se a melra piar aflitivamente. Brígida correu ao jardim e viu um dos melrinhos no chão, caído do ninho!

— Vamos pô-lo no ninho outra vez; as azas são pequeninas e êle ainda não sabe voar.

Mas Brígida gritou:

— Dá-mo cá, Tomásia! Deixa-me pô-lo na gaiolinha que está no sótão. Não o leves, Tomásia!

Tantos foram os pedidos que se foi buscar a gaiolinha e meteu-se dentro o melrinho. O piar dos pais em volta do filho prêso, fazia dó! Mas o melrinho lá ia vivendo, com os mil cuidados de Tomásia e de Brígida. Os outros melrinhos, já com asas fortes, tinham abandonado o ninho, e voavam alegres no meio dos outros pássaros.

— Gosto tanto do meu melrinho! — dizia Brígida às vezes, levando a gaiola dum lado para o outro, à procura de sombra fresca. — Tomara já que êle cante como o pai!

Mas o passarinho não cantava... Passava os dias no puleiro, numa tristeza que impressionava. E quando ouvia os outros pássaros chilrear sôbre as velhas árvores, no alto dos verdes ramos, levantava a cabecinha negra o mais que podia, para melhor os escutar...

— Porque será que o meu melro não canta? — preguntou Brígida, cismática, ao pai.

— Minha filha — respondeu o pai — o cantar é quási sempre sinal de alegria, pois não é?

— Ah isso é, Paisinho! Eu quando estou contente canto que eu sei lá!

— E o teu melrinho não tem alegria. Ouve os outros pássaros a cantar no alto das árvores, vê-os voar às tardes para apanhar bichinhos, e todos, à roda dêle, estão contentes...

— Mas...

— E o pobre animal, fechado naquela gaiola pequenina há-de acabar por morrer de tristeza, verás.

— Não quero que êle morra, Paisinho, não quero!

— Então... dá-lhe a liberdade, Brígida, e verás como êle vôa alto, alto até ao céu azul!

Brígida, impressionada, não quis ouvir mais nada: foi pôr a gaiolinha com a porta aberta no tronco duma pimenteira e ao ver o melro, radiante, voar muito alto, gritou, batendo as palmas:

— Adeus, melrinho! Vem cantar cá a baixo, sim?

E desde êsse dia nunca mais Brígida se lembrou de querer engaiolar os alegres passarinhos do jardim!

MARIA DA GRAÇA NO CAMPO

(Continuação do número anterior)

JOÃO JOSÉ *(agarrando-a)* — Não vais, Graça, isso não!

Mas Maria da Graça, desprendendo-se, deu uma corrida para a casa em chamas e gritou com fôrça para dentro:

— Raul! Raul!

Um chôro de criança respondeu à sua voz aflita; e um pequenino de três anos agarrou-se aos seus braços já com o fatinho a arder.

Maria da Graça teve ainda fôrças para sair da casa, com a criança ao colo; mas caiu sem sentidos, no meio da enorme algazarra do povo que a rodeava.

D. António nada vira, de nada suspeitava, ocupado em apagar o fogo na casa ao lado; mas Augusto e Chico, em lágrimas, chamavam-no agora, com gritos de horror:

— Pai! Paisinho! A Graça...

D. ANTÓNIO — O que é? O que é? — e sem mais delongas correu com os filhos para junto do povo — que, numa padiola improvisada, levava Maria da Graça, semi-morta, para a Freixeda.

....

Nunca o médico julgou poder salvar a pobre Maria da Graça. Estava emfim convalescente da sua doença gravíssima: resultado das horríveis queimaduras por todo o corpo e do abalo moral que sofrera naquela noite dos incêndios.

Os dias passavam, aliás calmos e bons para ela: pois vinham fazer-lhe companhia junto à sua cadeira de estender as primas Castel Branco, o Manuel Sarmento e Ana Rita, a quem D. Francisca pedira para ficar na Freixeda. A boa Mademoiselle d'Aubigny, para que Maria da Graça não perdesse de todo as lições de literatura e História de França, todos os dias vinha lêr-lhe alto e Maria da Graça cada vez mais se interessava pelo estudo.

CUCA *(fazendo tricot)* — O João José lá está em Lisboa no liceu: está óptimo: tem muito boas notas e não fala em saüdades de cá.

MARIA DA GRAÇA — Tive pena de o não ver antes dêle partir, isso tive.

CUCA *(espevitada)* — Quando êle se foi estavas tu quási a morrer: querias que êle perdesse a entrada no liceu?

MARIA DA GRAÇA *(triste)* — Já se vê que não, mas tive pena. E êle não deixou sequer umas palavrinhas para mim?

CUCA *(indiferente)* — Não teve tempo para pensar em ninharias.

MANUEL *(entrando no quarto)*. — Isso não é assim, Cuca.

Estás melhor, Gracinha? Olha que o João José, antes de partir, pediu-me para te dizer que muito se lembrava de ti e quando estivesses boa ia escrever-te uma grande carta.

CUCA *(còrada)* — A mim não disse nada; por isso pensei...

MANUEL — Desculpa, Cuca, mas esqueceste de todo a recomendação que êle te fez diante de mim!

MARIA DA GRAÇA — O que foi Manuel? Cuca, não te lembras?

CUCA *(aborrecida)* — Não dei a menor importância a isso. Era que te dissesse que tanto em Lisboa como aqui era sempre muito teu amigo. Já vês que não tinha a menor importância.

MANUEL — Talvez a Graça não seja dessa opinião, Cuca.

MADEMOISELLE *(entrando)* — Graça, estão ali as pequenas de catequese que te querem ver.

MARIA DA GRAÇA — Que entrem! Que entrem! *(entra um rancho de vinte garôtas, cada uma com um raminho de flôres do campo).*

LUDOVINA *(aproximando-se)* — A gente queria ver a menina!

MARIA DA GRAÇA *(contente)* — Venham cá tôdas: quero dar um beijo a cada uma! *(Beija-as).*

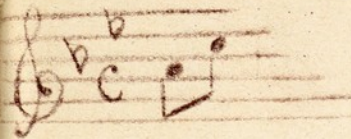
MANUEL — Porque não cantam uma das cantigas novas?

LUDOVINA — A gente envergonha-se...

MANUEL — A vergonha é só de coisas feias. Vá comecem.

(olham umas para as outras, e decidem-se. Ludovina marca o compassso).

O CORO

Nossa Senhora valeu
À nossa querida menina
Quis ouvir as orações
Das crianças da Doutrina.

Essas nossas orações
Foram feitinhas de luz:
Subiram até ao Céu
Ao coração de Jesus!

MARIA DA GRAÇA — quem fez os versos? Quem as ensaiou?

MANUEL — Isso é que não importa nada.

AS PEQUENAS *(gritando)* — Foi o menino Manuel!

MARIA DA GRAÇA *(comovida)* — Logo vi... Dá cá um beijo Manuel! És um amor de rapaz! *(puxa-o a si e beija-o).*

MARIA DA GRAÇA *(às pequenas)* — Cantaram lindamente!

(as pequenas saíram)

MANUEL *(comovido e triste)* — Um amor de rapaz, dizes tu, coitadinha... Um rapaz que nunca há-de servir para nada, Graça!

CUCA — Talvez te cures um dia, Manuel; quem sabe?

MARIA DA GRAÇA *(com fôrça)* — Com ou sem vista hás-de ser sempre um amor de rapaz, Manuel! e eu gosto de ti como se fosses meu irmão. Olha, ainda gosto mais de ti do que dos manos!

CUCA *(indignada)* — Oh Graça, isso é que não se pode dizer.

MANUEL — E onde fica a amizade do João José?

CUCA *(irritada)* — Também gostas mais dêle do que dos teus irmãos?

MARIA DA GRAÇA *(cismática)* — Não sei o que te responda...

CUCA *(com entusiasmo)* — Pois eu ponho o João José, para mim, acima de tudo e de todos! E não quero que êle goste de ninguém como de mim, ouviste, Graça?

MARIA DA GRAÇA *(sorrindo)* — Descansa que ninguém t'o tira.

MANUEL *(triste)* — Eu penso muitas vezes no meu futuro: e nem sei como posso ter momentos alegres... Mas como sou religioso no fundo da minha alma, reconheço que apesar de cego ainda tenho que dar tantas graças a Deus...

CUCA — Tantas como isso, também não acho.

MANUEL — E se eu não tivesse o pai que tenho? E os meus três irmãos? E se não te tivesse a ti, Graça?

MARIA DA GRAÇA *(pegando-lhe na mão)* — Querido Manuel, havemos de ser sempre amigos...

MANUEL *(contente)* — Sempre, Graça?

MARIA DA GRAÇA — Sempre, sempre!

CUCA *(à janela)* — Aí vem o teu criado buscar-te, Manuel.

E o cego, sorrindo com os seus olhos azuis muito límpidos, beijou as duas pequenas e saiu devagar, com o braço direito estendido a defender-se dalguma pancada.

MARIA DA GRAÇA *(pensativa)* — Oh Cuca, não achas que o Manuel é melhor do que todos nós?

CUCA *(sacudida)* — Não admira: como é cego, precisa de todos.

MARIA DA GRAÇA *(convencida)* — Não é isso, Cuca: é a alma dêle que é superior à de todos que eu conheço...

CUCA *(troçando)* — Ora, ora...

(Continua no próximo número)

CARTA ÀS LUSITAS

Lembram-se, queridinhas, dum conto que aqui apareceu chamado: «As Tagarelices da Senhora Maria»?

Pois a tal senhora Maria, embora vá envelhecendo de dia para dia, (como todos nós, já se vê) não quer estar calada nunca! E preguntou-me se vocês gostariam que ela lhes contasse, uma vez por mês, coisas da História de Portugal. É a mania dela, sabem vocês? Diz que não há história no mundo tão linda, tão interessante, tão bela como a dos portugueses; e está mortinha por lhes contar o que sabe sôbre os nossos grandes homens. Mas eu vejo-me em situação melindrosa, queridas Lusitas: por um lado não queria melindrar a senhora Maria, tanto mais que aprecio devéras as suas Tagarelices; *por outro não quero que vocês se aborreçam da* Página *e a achem* instructiva *demais . . . Resolvi, pois, o seguinte: pedir-lhes que me escrevam (mesmo em postal) a dizer* se querem ou não, *aturar as* Tagarelices da senhora Maria. *Se eu receber pelo menos 6 bilhetes, começamos em Janeiro (se não puder ser antes); se não me escreverem nada, então digo à pobre senhora Maria . . . que vá «prègar para outra freguesia» como se costuma dizer. Mãos à obra Lusitas: toca a escrever com tôda a sinceridade, à vossa amiga*

MARIA PAULA DE AZEVEDO

Bertha Borges

A Lusita nunca deve:

- deitar papéis no chão; seja em casa seja na rua.
- faltar à missa aos Domingos e dias santos.
- esquecer-se de agradecer a Deus tôda a felicidade que tem.
- falar alto na rua ou nos eléctricos.

CHARADAS E ADIVINHAS

Celebre em Portugal se tornou
Estè objecto — que uma mulher usou.
(uma silaba)

De longe, e de bem longe, esta bebida
Um dia veio — e é sempre apetecida!
(outra silaba)

É grande senhor, é quási rei;
E a sua vontade, no Oriente, é quási Lei!

VER SOLUÇÃO NA PAG. 16

Coisas de crianças

Na catequese de certa freguesia de Lisboa a senhora catequista preguntou:

— Quais são as Pessoas da Santíssima Trindade?

Antoninho responde:

— A primeira é o Padre e a segunda é... o Sacristão!

Noutra catequese de Lisboa preguntou-se a um garôto:

— Onde nasceu Nosso Senhor?

— Em Belém, ao pé dos *«jirónimos»* — respondeu, convencido.

A LÓGICA DO PEDRINHO LAFÕES

Pedrinho, brincando com o seu automóvel de fôlha, resolveu lavá-lo... com cuspo. A criada observou:

— Oh sr. D. Pedro, olhe que isso é uma porcaria!

Pedrinho indignado, responde:

— Ora essa! Então o cuspo é porcaria? uma coisa que está dentro da boca e que se engole?!!

E a criada não achou argumento para lhe responder!

O Lar

O NOSSO LAR
É O NOSSO NINHO

ENCONTREI hoje sôbre uma latada onde apanhava uvas, o ninho de que a fotografia ilustra esta página. Fiquei-me a olhar para êle com ternura: um ninho enternece sempre! Não sei a que pássaros terá pertencido êste ninho. Mas sei que êle foi o pequenino lar dum casal, onde se criaram os filhos que agora por aqui andam a voar!

E embora eu não o visse fazer, é fácil de imaginar o trabalho que êste ninho deu a construir, armado primeiro em barro amassado e depois coberto de ervas e raminhos secos entrelaçados. E também não preciso que me digam a abnegação com que êle foi, por dentro, acamado e arredondado com o próprio peito, mortificado na aspereza do seu rude material, e o amor com que foi almofadado com penas macias.

Fiquei-me a olhar para êste ninho, um ninho vulgar e modesto como há tantos, mas que, como todos, é uma obra de arte e um poema de amor.

E lembrei-me que o nosso lar é o nosso ninho, que não nos deve merecer menos canseiras e menos amor do que o ninho merece aos passarinhos.

Merece-nos até muito mais! O nosso lar não é um ninho que se abandona terminada a criação dos filhos; é um ninho onde se vive e se morre, e onde se passa a primavera e o inverno!

Queridas raparigas da Mocidade, eu queria dar-vos o amor do lar, o amor do vosso ninho, quer êle seja ainda o ninho que os vossos pais para vós aconchegaram, quer seja o futuro ninho que vós próprias haveis de preparar para o vosso amor e os vossos filhos.

Olhai, que um ninho, onde um dia não abram os olhos passarinhos novos, não tem razão de existir!

Ao sonhar o vosso lar, lembrai-vos que é para os filhos que as aves constroem o ninho... E desejai-os, os filhos que Deus vos há-de dar!

Aprendei também com os passarinhos a trabalhar para o vosso lar.

É a cantar que os passarinhos constroem o seu ninho e vão buscar todos êsses raminhos que com o bico e as patitas enlaçam; e é a cantar que êles arrancam do próprio peito as penas com que o forram e amaciam.

Que sejam também feitos a cantar os trabalhos e os sacrifícios que o vosso lar exigir de vós.

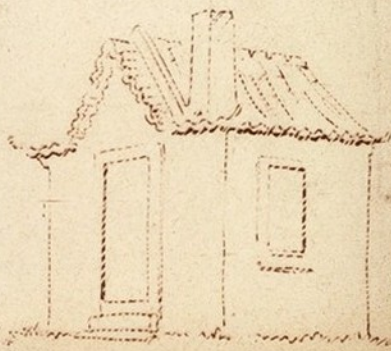
Trabalho de mãos — actividade que cansa... Trabalho de coração — que pede tanto esquecimento próprio! Mas Deus abençoará o vosso lar, como abençôa o ninho dos passarinhos, e nele habitará a alegria como recompensa do vosso esfôrço e abnegação.

Não é verdade que vos agrada esta comparação do lar com o ninho?

Sois novas! A vossa alma é como um passarinho, também ela tem asas e gosta de voar no azul! Também ela sonha com um ninho onde a sua felicidade se esconda e outras vidas comecem...

É natural. O que não é natural — nem bem — é preferir um hotel ao lar... Ou, para evitar trabalhos, não desejar ter filhos.

O que não é natural é que a mulher sacrifique ao seu egoismo a família.

Queridas raparigas: lembrai-vos que é à mulher que compete principalmente o aconchego do lar e não vos poupeis a trabalhos nem sacrifícios para tornar o vosso lar confortável e fazer com que nele habite a felicidade!

Trabalhos de Mãos

CASAQUINHO DE CRIANÇA

∘○∘

ÊSTE LINDO CASAQUINHO É FEITO EM *CREPE GEORGETTE* BRANCO E O FÔRRO EM *CREPE* DA CHINA, MAS, PARA USAR NO INVERNO, CONVÉM QUE O FÔRRO SEJA EM FAZENDA DE LÃ BRANCA, FININHA, PARA AGASALHAR MAIS.

O ACOLCHOADO QUE FORMA OS DESENHOS É CHEIO COM LÃS DE CORES, QUE Á TRANSPARÊNCIA DÃO UM LINDO EFEITO.

AS FLORES DO MODÊLO QUE PUBLICAMOS SÃO AZUIS, COR DE ROSA E AMARELAS, E AS FOLHAS VERDES.

COLABORAÇÃO DAS FILIADAS

A poesia "Mocidade em flôr" e a "Charada" que publicamos fôram escritas expressamente para uma festa que se realizou na Colónia de férias da M. P. F. da Parede

Mocidade em flôr

Achei-me um dia a sonhar
E, sonhei coisas tão belas...!
Eram sonhos de encantar
De meninas e donzelas.

Quereis saber, meus amores
O que foi o meu sonhar?
Não é de mágoas ou dôres
Nem tão pouco faz chorar.

Reüniam-se as fadas num jardim
Tôdas em volta, em ar de confidência,
Abeirei-me de longe, p'ra saber assim
O que significava aquela conferência.

E então ouvi, e jamais hei-de esquecer
Esta conversa cujo tema principal
Era a juventude crescida e a crescer
Num lindo jardim, no nosso Portugal.

Dizia uma delas, a de mais idade:
«E' preciso cuidar e dar todo o vigor
Fortalecer e tratar a mocidade
P'ra qu'ela seja bem a mocidade em flôr».

E então, propôs-se ali, o plano original
De fazer alegre, sã e cheia de valor
A rapariga dêste belo Portugal,
Dêste torrão, que é todo o nosso amor.

Propôs-se formá-lo e dar-lhe o Ideal
De servir todos e a todos bem querer
Por amor de Deus, da Pátria - Portugal
Fazer da vida, constante oferecer.

Orar, servir, trabalhar com ardor
Sempre co'a alma cheia de grandeza
Eis o que idealizou, com tanto amor
Quem organizou a Mocidade Portuguesa.

Mocidade Portuguesa para orar
A Deus, por todos que o não crêem
P'ra servir com ardor, sempre a trabalhar
Olhos num Ideal, que os outros não vêem.

Eis o sonho meu, bem simples afinal
Era de vós, de todos nós, enfim
Do nosso qu'rido e velho Portugal
O sonho que incluia a vós e a mim.

E, logo que acordei,
A Deus ergui esta prece:
P'ra fazer que o que sonhei
Afinal sempre se desse

Que tôda a rapariga
Saiba ser e, com firmeza,
Aquilo a que a obriga
A Mocidade Portuguesa.

Charada

Sal:

Já ouviste, querida companheira
Dizer que o sal era bom p'ra o comer?
Não compreendo, e creio que é crueira
Pois não vejo como êle pode bem saber.

E', amargo e na bôca pica tanto...
Mas tu não achas que tenho razão?
Tudo isto me causa sério espanto
E qu'ria perceber, de todo o coração.

E's tu capaz de m'explicar
Qual a razão porqu'êle é tão usado
E porque em casa o estão sempre a comprar
Por ser indispensável a todo o cozinhado?

Azar

Não sei e não compreendo bem.
Mas, sabes? podemos preguntá-lo...
Vamos as duas junto d'alguém
A uma graduada que saberá explicá-lo.

Mas... ainda há também um outro assunto
Com qu'ando (sèriamente) embaraçada
E por isso preguntamos em conjunto
Estes problemas, à mesma graduada.

Chega-te aqui para ao pé de mim
Bem pertinho, pois é grande segrêdo.
Isso mesmo, está bem assim,
E agora ouve, já 'stou com mêdo

Ouvi dizer há dias, não sei quando.
Qu'é azar ter as facas cruzadas
Ouvir à meia-noite os galos cantando
E, outras muitas coisas complicadas.

E então, fiquei aflita, por ignorar,
Por ser tão nova e, não perceber
O que vem a ser êsse tal azar
Que a muitos impressiona e faz tremer.

Por isso, vamos lá as duas juntas
Muito amigas, em perfeita união
Saber a resposta das preguntas
Que nos trazem a nós, nesta aflição.

Graduada:

Ouvi, minhas filhinhas, sem querer
Vossa conversa e a vossa discussão
E quero agora fazer-vos perceber
Com todo o prazer, de todo o coração.

Atendei então ao que vou dizer
E prestai tôda a vossa atenção
Pois talvez consigais compreender
Alguma coisa nova, na lição.

Salazar:

Portugal, vèlhinho e talvez cansado
Por tanta energia dispendida out'rora
Achava-se sem fôrças, só e alquebrado
Necessitava uma ajuda e, sem demora.

Era preciso alguém que s' of'recesse
Qu' ajudasse (prontamente) Portugal a não morrer
Que de corpo e alma, com amor, se desse
Levando-o para a glória, para o bem, para vencer

Surgiu então o homem de valor
Cheio de fé, confiando na firmeza
Da nação inteira, que o qu'ria ajudar

Essè homem a quem rende o seu amor
A nossa Pátria, a terra portuguesa,
E's tu heroi, és tu, oh! Salazar.

Temos, as vezes uma ideia errada
De muitas coisas que o mundo contém
Eis o exemplo no sal desta charada
Qu' afinal é tão útil e faz tanto bem.

Lembre-se pois, quem ao sal faça careta
Ou quem na vida tenha algum azar
Que estas palavras, unidas letra a letra,
Formam um nome bendito: SALAZAR

Maria Helena de Oliveira e Sousa
(Chefe de Bandeira)

Solução — SAL + AZAR — SALAZAR

Solução das Charadas e Adivinhas: — Pàchá

MOCIDADE EM FLORES!
Filiadas da Colónia de Férias de Sintra